

Como salvar o mundo

Esta foi a grande questão do 39º Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Um vislumbre do novo tipo de capitalismo que vai emergir da pior crise dos últimos 80 anos

José Fucs, de Davos

No Fórum Econômico Mundial, realizado na semana passada na charmosa estação alpina de Davos, na Suíça, o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair contou uma história que ilustra com perfeição o impacto da atual crise financeira não apenas na vida das pessoas e das empresas, mas também no campo das ideias. Convidado a participar de um painel sobre os valores que estão por trás do capitalismo, Blair disse ter encontrado recentemente, por acaso, um amigo dos tempos da faculdade – que, como ele, havia sido engajado nos protestos estudantis contra o sistema. “Acreditem ou não, eu era bem de esquerda, como vários amigos que acabaram virando executivos de bancos”, afirmou, provocando risos da plateia, formada principalmente por banqueiros, empresários e economistas de quase cem países. De acordo com Blair, seu amigo se manteve fiel à luta contra o sistema até hoje. E, ao encontrá-lo, não perdeu a oportunidade de alfinetá-lo: “Eu lhe falei que o capitalismo iria acabar”, disse seu amigo, referindo-se ao estrago causado na economia global pela crise.

Assim como o velho companheiro de Blair, a ideia de que o capitalismo está agonizando vem sendo comentada, em maior ou menor grau, em quase todo lugar. ►





EM TODO LUGAR
 Manifestação de trabalhadores em Paris; mendigo numa rua de Nova York; protesto contra o desemprego em São José dos Campos, São Paulo; e telão da Bolsa de Valores de Tóquio (em sentido horário). Os efeitos da pior crise desde os anos 1930 são globais



Uma pesquisa realizada pela Harris Poll, publicada pelo jornal britânico *Financial Times*, mostra que um grande número de pessoas no mundo acredita que a crise se deve ao capitalismo em si, e não apenas a seus excessos. Na Alemanha, 30% acreditam nisso. Na França, 17%. Na Espanha, 15%. Nos Estados Unidos, epicentro da crise, 8%. No Brasil, a morte do capitalismo também se transformou num dos temas preferidos nas rodas de intelectuais, nos bares da vida e nas areias de Ipanema. Ou então em reuniões de grupos de esquerda como o Fórum Social, ao qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva compareceu, realizado em Belém (leia o quadro à pág. 90).

Não é de hoje que se anuncia a morte do capitalismo. Desde que o filósofo escocês Adam Smith lançou as bases do sistema no clássico *A riqueza das nações*, publicado em 1776, o

capitalismo virou alvo de críticas tão intensas quanto a paixão que ele costuma despertar em seus defensores. Por vezes, perdeu espaço na vida das nações, em particular em momentos de crise como o que vivemos hoje. Mas, com o tempo, como uma fênix, parece ressurgir revigorado por suas próprias fraquezas.

Decerta forma, é compreensível que o capitalismo esteja sendo dado como morto. O mundo enfrenta a pior crise econômica desde a Grande Depressão, nos anos 1930. Ninguém com menos de 80 anos viveu algo semelhante. A queda das Bolsas de Valores e as perdas nos mercados futuros já drenaram mais de US\$ 50 trilhões da poupança global – no Brasil, a perda alcançou cerca de R\$ 1 trilhão. “As pessoas estão deprimidas e traumatizadas ao ver as economias de suas vidas, incluindo casas e planos de aposentadoria,

desaparecer”, disse o empresário Rupert Murdoch, presidente da News Corporation, uma das maiores empresas de mídia do planeta, durante o evento de Davos.

Na tentativa de estimular a atividade econômica, os principais bancos centrais já baixaram os juros para quase zero. No Brasil, o Banco Central promoveu em janeiro um surpreendente corte de um ponto na taxa básica, para 12,75%, o maior desde 2003. Na tentativa de salvar o sistema financeiro, os governos e bancos centrais também já injetaram somas colossais em pacotes emergenciais e assumiram o controle de alguns bancos. Segundo dados do Banco da Inglaterra, o total de recursos injetado no sistema financeiro em todo o mundo chega a US\$ 7,3 trilhões, o equivalente a mais da metade do Produto Interno Bruto (PIB) americano e a quase seis vezes o PIB brasileiro. Só o Fed,

O impacto da crise

2009 terá redução do crescimento econômico, aumento do desemprego e queda significativa no comércio internacional em todo o mundo

Pé no freio

Em 2009, na maioria dos países desenvolvidos haverá recessão, e nos países emergentes o crescimento do PIB vai diminuir

■ 2008 ■ 2009

Reino Unido
0,6 **-1,7**

Estados Unidos
0,9 **-1,2**

México
1,8 **-0,2**

Brasil
5,3 **2,4**

Chile
3,9 **1,0**

Argentina
6,2 **2,2**

(1) Mizuho Research Institute
Fonte: Economist Intelligence Unit

França
0,7 **-1,0**

Espanha
1,0 **-1,3**

Itália
-0,5 **-1,2**

África do Sul
3,5 **2,5**

50 milhões

é o total de novos desempregados que a crise poderá gerar em escala global, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT)

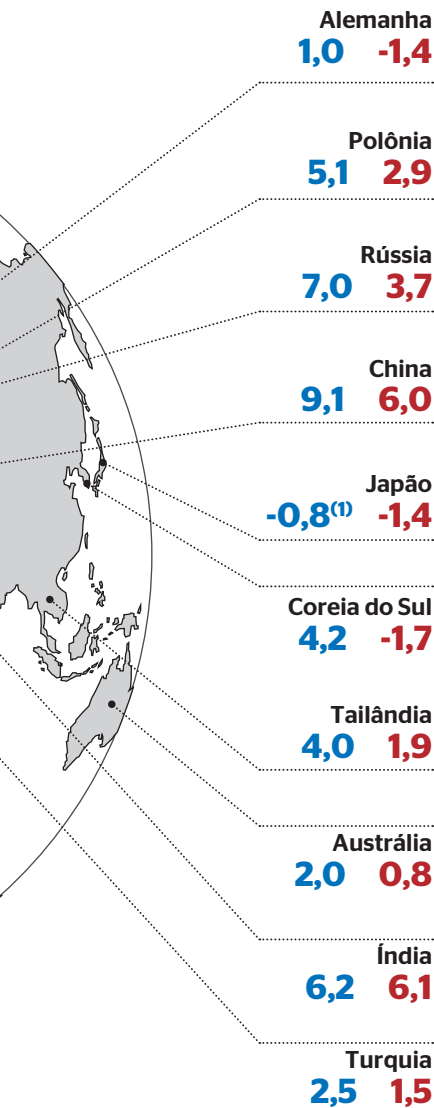
o banco central americano, já entrou com US\$ 2 trilhões, incluindo a garantia para os ativos tóxicos dos bancos em dificuldades.

Mesmo depois de todas essas medidas, o sistema financeiro ainda não dá sinais de ter voltado à normalidade. Negócios bem estabelecidos estão quebrando por causa da falta de crédito. Linhas de financiamento à exportação, normalmente uma das modalidades mais convencionais de crédito da praça, minguaram. E o buraco parece não ter fim. Quando se acredita que a crise está acalmando, aparece outro banco com problema aqui ou ali. A questão é: o que fazer agora para resolver o problema de uma vez por todas? É isso, basicamente, que está em discussão no encontro de Davos. E é por isso que esta 39ª edição do Fórum Econômico Mundial é considerada histórica.

De acordo com o megainvestidor George Soros, mais do que nacionalizar ou injetar recursos públicos nos bancos sem o recebimento de uma contrapartida em ações, a melhor opção é seguir um esquema semelhante ao que foi adotado pelo Proer, o programa brasileiro de saneamento do sistema bancário implementado nos anos 1990. A ideia, como no Proer, é separar os bancos com problemas em duas instituições: a boa, com os ativos de qualidade, os clientes e os créditos saudáveis, e a ruim, que herda o “banco velho” com os ativos tóxicos. É algo ruim para os acionistas, que veem seu patrimônio evaporar, e também para os contribuintes, já que o governo paga a conta. Mas resolve – e o governo iria pagar a conta mesmo, de um jeito ou de outro. A questão, segundo Soros, é que depois da recente injeção de recursos públicos nos bancos fica

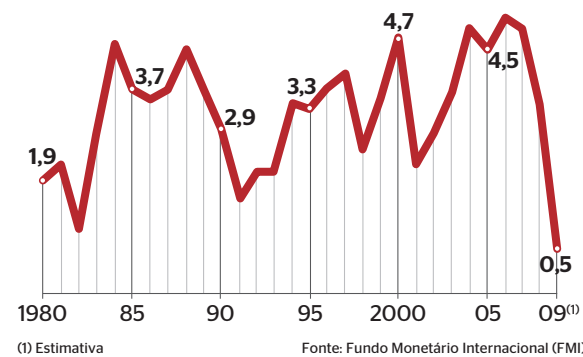
difícil seguir esse caminho. Isso significa que não há muitas opções à vista além da estatização e da doação pura e simples de dinheiro público. “Os bancos estão vivendo como um doente que se mantém vivo com a ajuda de aparelhos”, afirma Soros.

Com o sistema financeiro na UTI, a crise, em vez de dar sinais de acomodação, parece se aprofundar cada vez mais. Já há algum tempo, ela ultrapassou a fronteira do mercado financeiro e atingiu a economia real. O desemprego deverá crescer de forma dramática. Pelas projeções da Organização Mundial do Trabalho (OIT), cerca de 50 milhões de pessoas poderão perder seus empregos só neste ano. O comércio internacional também deverá encolher. De acordo com o Banco Mundial, as exportações mundiais terão uma queda de 2,1%, o pior desempenho desde 1982. É um quadro sombrio. ▶



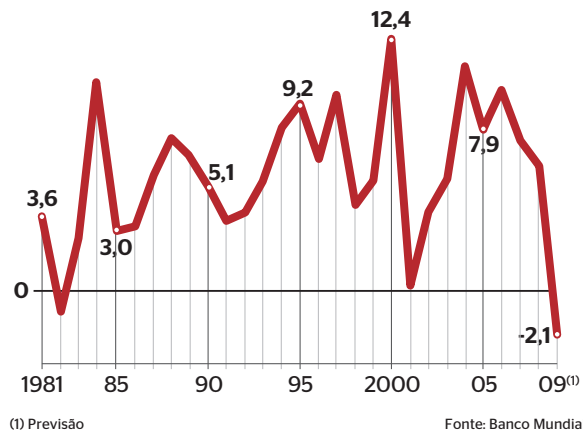
Desaceleração recorde

Em 2009, a economia mundial deverá ter o menor crescimento desde a Segunda Guerra Mundial – em % ao ano



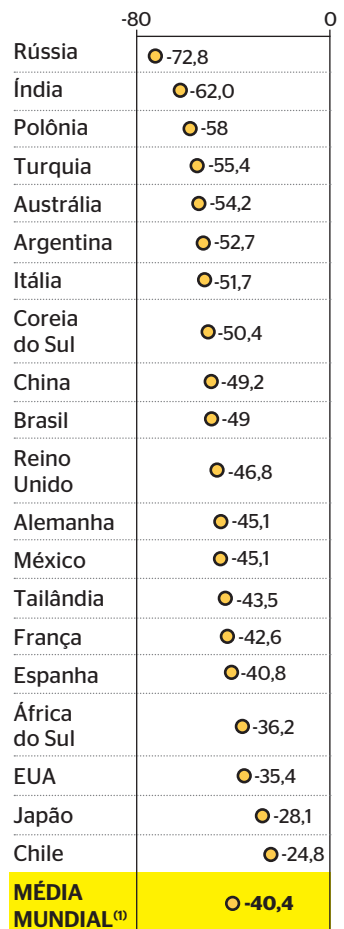
Globalização em baixa

Pela primeira vez desde 1982, o comércio mundial deverá encolher em 2009 – variação anual das exportações em %



A queda nas Bolsas

Nos últimos 12 meses, até 28 de janeiro, as Bolsas de Valores acumulam uma perda significativa em dólar



Segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia mundial deverá crescer apenas 0,5% em 2009, o pior resultado desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O crescimento do Brasil poderá ficar em 1,8% em 2009, segundo o FMI, menos da metade da taxa de 2008. Muitos economistas acreditam que o resultado da economia global poderá ser ainda pior – uma queda de 0,5% a 1%. Estima-se que, entre 2010 e 2012, a média de crescimento global deverá ficar em apenas 2,5% ao ano. “Não veremos a economia mundial crescer 4% ao ano novamente por um bom tempo”, afirmou o economista Stephen Roach, comandante na Ásia do Morgan Stanley, maior banco americano de investimento. Ao contrário do que aconteceu nos últimos anos, o encontro de Davos foi marcado pelo pessimismo dos participantes. “Não chegamos ainda ao fundo do poço”, disse Justin Yufi Lin, economista-chefe do Banco Mundial. Como se fosse para dar razão aos pessimistas, na sexta-feira o governo dos Estados Unidos divulgou que o PIB caiu 3,8% nos últimos três meses de 2008. É a pior contração trimestral desde 1982, mas não foi tão ruim quanto muitos economistas esperavam – e isso pode indicar que a maior economia do mundo ainda vá cair mais.

Nos países em desenvolvimento, o efeito da crise é ainda mais perverso. Com as exportações em queda e sem as reservas em moeda forte acumuladas pela China e mesmo pelo Brasil, eles estão sem dinheiro para manter as exportações de produtos essenciais, como petróleo e alimentos. Sem ajuda internacional, a pobreza e a fome tendem a aumentar. Mesmo a China, considerada a grande locomotiva da economia mundial hoje, está sofrendo com a crise. Com um mercado interno ainda pouco desenvolvido e fortemente dependente das exportações, o país deverá crescer 6% em 2009, bem abaixo dos 9% de 2008 e dos 13% de 2007. A desaceleração da China deverá dificultar ainda mais a retomada econômica.

Na semana passada, a Câmara dos Deputados americana aprovou o pacote de US\$ 819 bilhões do novo presidente, Barack Obama, para estimular a economia e criar empregos, com o corte de impostos e a realização de investimentos na área de infraestrutura e o desenvolvimento de fontes alternativas de energia, saúde e educação. Iniciativas semelhantes estão



US\$ 819 BI
Obama, na Casa
Branca, depois que
a Câmara aprovou
seu pacote de
investimentos. O
valor é alto - mas a
expectativa é maior

sendo adotadas na Europa e em outros países, inclusive o Brasil. Mas promover o aquecimento da economia com o dinheiro do Estado – quer dizer, dos contribuintes, atuais e das futuras gerações – suscita uma série de dúvidas.

Infelizmente, governos de várias épocas já demonstraram que são muito hábeis para gastar dinheiro rápido. Falta demonstrar que sabem gastá-lo bem. Onde quer que o governo influa no funcionamento do mercado, surge a questão da eficiência e do desperdício. Governos são sempre sujeitos a lobbies, de setores, empresas, governos estaduais – e isso já está acontecendo nos EUA e em todos os países que planejam pôr dinheiro público na economia.

A posse de Obama, há 15 dias, aumentou as expectativas em relação às medidas dos Estados Unidos contra a crise. É di-

ficil que ele consiga atendê-las. Esperado em Davos, o presidente do Comitê Econômico americano, Larry Summers, cancelou a viagem, frustrando os participantes. Como representante de seu governo, Obama enviou Valerie Jarrett, conselheira-sênior da Casa Branca. “Precisamos reconstruir a confiança no sistema financeiro, com base em transparência, respeito e responsabilidade”, disse Jarrett. “Uma nova regulação do setor financeiro é uma das prioridades do governo Obama. É preciso ter regras fortes, simples, para proteger investidores e consumidores.”

Apesar da ideia de que a crise representa o fim do capitalismo, alimentada por muita gente, isso está longe de acontecer. Uma das forças do capitalismo é sua capacidade de adaptação e de aperfeiçoamento. Foi assim em 1929. Foi assim também na crise da dívida externa de países emergentes, como o México e o Brasil, em 1982. O mesmo aconteceu com a crise da Ásia em 1997.

É certo que, na crise atual, o Estado, que havia perdido espaço na economia em quase todos os países nas últimas décadas, assumiu o papel de protagonista para salvar o sistema financeiro do colapso e evitar uma desaceleração ainda maior da economia mundial. A crise ressuscitou as ideias do economista John Maynard Keynes (1883-1946), de que o Estado deve atuar com vigor para estimular a

atividade econômica, adotadas na Grande Depressão pelo presidente americano Franklin Delano Roosevelt. Mas, embora o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenha afirmado que “mais governo é a solução e não o problema”, é pouco provável que a intervenção do Estado na economia tenha vindo para ficar. “O Estado tem um grande papel a desempenhar no momento, para nos ajudar a sair da crise, mas não é a resposta para o futuro”, afirma Tony Blair. “Ao contrário. Seu propósito é garantir que o sistema de livre mercado volte a funcionar.”

Após a queda do Muro de Berlim e o fim da ex-União Soviética, no final dos anos 80 e início dos anos 90, o capitalismo passou a reinar de forma absoluta. De lá para cá, o mundo prosperou como nunca. A riqueza se multiplicou, melhorando a qualidade de vida de centenas de milhões de pessoas. Até a China, governada pelo Partido Comunista desde 1948, aderiu ao capitalismo, com a implantação de reformas liberalizantes da economia a partir de 1978. Elas transformaram a face do país, com uma taxa média de crescimento de 10% ao ano desde então. “A concentração de ativos nas mãos do Estado é um aspecto negativo das medidas anticrise em qualquer país”, afirmou o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, na semana passada em Davos. “No século XX, na União Soviética, o Estado tinha um papel absoluto. No longo prazo, isso comprometeu totalmente a competitividade da economia. Estou certo de que ninguém quer repetir isso.”

Segundo o economista e empresário Klaus Schwab, fundador e presidente do Fórum Econômico Mundial, o que está acontecendo agora é uma fase de transição. Ela deverá forjar um novo capitalismo. “Estamos vendo o nascimento de uma nova era, um chamado para repensar nossas instituições, nossos sistemas e, acima de tudo, nosso pensamento e nossas ações”, diz Schwab. “Se olharmos esta crise como uma oportunidade de transformação, podemos criar as bases para um mundo mais estável, mais sustentável e mais próspero.”

Não por acaso o tema central do encontro de Davos ►

O tom do encontro

Chefes de governo e empresários frisaram a necessidade de reformar o sistema capitalista, mas para salvá-lo, e não destruí-lo



“Na União Soviética, o Estado era absoluto na economia. Isso comprometeu a competitividade. Ninguém quer repetir isso”

Vladimir Putin, primeiro-ministro da Rússia



“Seria bobagem dizer que a gente vai sair da crise facilmente. Ela está ficando pior e não há atalhos para encontrar as soluções”

Rupert Murdoch, presidente da News Corporation



“A resposta correta à crise não é o protecionismo. Não queremos voltar a uma visão fechada do mundo”

Tony Blair, ex-primeiro-ministro britânico

“Em um momento de dificuldades, a recuperação da confiança é mais importante que qualquer outra coisa”

Wen Jiabao, primeiro-ministro da China



“Você pode ter todos os tipos de leis, mas é a ordem moral, e não a legal, que deve prevalecer”

Indra Nooyi, presidente da Pepsico

deste ano foi “Moldando o mundo pós-crise”. Mais do que se concentrar no diagnóstico da crise, a ideia era identificar as soluções e o “novo capitalismo” que deverá surgir a partir dela. Não era uma tarefa fácil e, provavelmente, será apenas mais uma contribuição para o debate que se inicia na esfera internacional. Mas, de qualquer forma, do encontro de Davos é possível traçar um desenho desse novo capitalismo.

No novo cenário, espera-se que os americanos, em particular os 10% mais ricos da população, que sofreram a maior perda patrimonial com a crise, levem uma vida mais frugal, ao menos por algum tempo. Espera-se também que a classe média, ainda assustada com a crise, aumente sua poupança, que era negativa, para algo como 10% do PIB americano, de US\$ 14,1 trilhões. Em tese, isso deveria ter um impacto tremendamente negativo na economia global. Mas, segundo Ian Davis, diretor mundial da McKinsey, uma das principais consultorias do mundo, deverá ser compensado pelo crescimento da classe média em países emergentes como a China, a Índia e o Brasil.

Embora deva haver uma retração no comércio mundial em 2009 e exista a perspectiva de um aumento do protecionismo, prevalece o consenso de que a globalização não vai dar marcha a ré. Ao contrário, a tendência é que ela se amplie. Roach, do Morgan Stanley, diz, porém, que é necessário adotar uma postura que privilegie o multilateralismo na esfera internacional. “Não há um mecanismo para punir quem tem mau comportamento nem para premiar o bom”, afirma. “Sem um organismo multilateral que possa latir e punir não vamos chegar a lugar nenhum.”

Por essa visão, organismos como o G-20, que reúne países ricos e em desenvolvimento, entre eles o Brasil, tendem a ganhar importância, enquanto o G-8, um



clube fechado dos sete países mais industrializados mais a Rússia, tende a perder espaço. O poder político está migrando do Ocidente para o Oriente e do Norte para o Sul – e isso precisará ser reconhecido na arena global. “A crise financeira prova que a interdependência global hoje é mais importante que qualquer outra coisa. Nós simplesmente não podemos ficar longe uns dos outros. O divórcio não é uma opção”, diz o ex-presidente americano Bill Clinton. A atuação de organismos internacionais como o Banco Mundial e o FMI também terá de ser repensada.

O capitalismo forjado a partir da atual crise econômica precisará resgatar os valores perdidos nas últimas décadas, em particular no sistema financeiro, em que impera a visão de curto prazo. “A corrida em busca da capitalização das ações das empresas na Bolsa de Valores estava obscurecendo o aumento de produtividade e a eficiência real do negócio”, afirmou Putin em seu discurso em Davos.

Acusações de ganância, fraude e desrespeito pela ética e os interesses da ►

DISCUSSÕES

Participantes do Fórum conversam durante uma pausa, no centro de convenções. O tom era de pessimismo com a crise

Sobre a mesa

Algumas propostas em debate que poderão mudar a face do capitalismo no século XXI

Ampliação da regulação do sistema financeiro, com a criação de **novos índices** de capitalização e revisão de normas contábeis dos bancos

Criação de um organismo multilateral que tenha poder de punir quem adotar um comportamento discutível no **mercado financeiro**

Medidas que permitem o resgate de valores morais no mercado **financeiro**

Democratização e revisão do papel do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial

Aumento do controle sobre o pagamento de bônus aos **executivos** por empresas cotadas na Bolsa

Maior responsabilidade dos membros do **conselho** de administração com as iniciativas das empresas

Revisão do regime cambial internacional centrado em apenas uma **moeda** - o dólar

sociedade proliferam durante a crise. Muitos banqueiros e líderes empresariais foram acusados de ter perseguido bônus milionários para si mesmos, em detrimento dos contribuintes que agora financiam os pacotes de resgate de instituições quase falidas. Há uma forte demanda, hoje, para que os conselhos de administração assumam mais responsabilidades nas iniciativas das empresas.

“Nos últimos anos, desenvolveu-se uma cultura em que as pessoas deixaram de levar em conta o que é certo ou errado e passaram a se preocupar apenas em saber se uma transação é legal e se há um mercado para ela”, diz Stephen Green, presidente do conselho de administração do HSBC, um dos poucos banqueiros internacionais que, segundo Blair, ainda podem sair de casa à luz do dia, por não ter se envolvido na “pirâmide” financeira montada com os títulos hipotecários americanos. “Muita gente em Wall Street falou que houve um erro de julgamento. Mas a linha divisória entre o erro de julgamento e a falha moral é sutil”, afirma Indra Nooyi, presidente da Pepsico. “Você pode ter todos os tipos de leis, mas é a ordem moral, e não a legal, que deve prevalecer.”

É na regulação do sistema financeiro, no entanto, que se concentra boa parte das medidas práticas de mudança. Entre as ideias que estão na mesa, incluem-se a adoção de diferentes moedas para aplicação das reservas internacionais, em vez de usar apenas o dólar, e uma mudança nos índices de capitalização e nos procedimentos contábeis dos bancos. No papel isso parece fazer todo o sentido, junto com a adoção de políticas de responsabilidade social e ambiental. Mas algumas ideias são de difícil implementação. O escritor Paulo Coelho, que participa do Fórum de Davos há nove anos, diz que “estão fazendo as perguntas certas”. Mas ele diz que as respostas “são muito perigosas” e se mostra preocupado com as interferências do governo na economia, com a injeção de dinheiro público em empresas semifalidas. “As outras empresas podem entender que, quando tiverem um problema, o governo sempre estará por perto para lhes dar cobertura”, diz o escritor. A discussão está longe de terminar. Mas, em Davos, o que se ouviu foi um programa de resgate dos valores básicos do capitalismo. Entre eles, que só o trabalho produz riqueza. ◆

OUTRO MUNDO

Enquanto isso, na quente Belém...

Em vez de ir a Davos, Lula prestigiou o Fórum Social Mundial, no Pará. Lá ouviu as ideias de Chávez, Morales, Correa - e pagou a conta

Como fazem todos os anos, os participantes da 9ª edição do Fórum Social Mundial, em Belém, Pará, passaram a semana discutindo as possibilidades de um mundo alternativo. De ONGs as mais variadas (incluindo uma união de prostitutas indianas, por exemplo) até partidos de esquerda bem estabelecidos, todos festejaram os efeitos da crise econômica mundial, que seria o primeiro cavaleiro do apocalipse a destruir o capitalismo. Honraram a tradição do Fórum, criado como contraponto ao encontro de Davos. A crise, aliás, não existe em Belém. A temporada da turma no spa ideológico está garantida pelo dinheiro público. Juntos, a Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal entraram com mais R\$ 750 mil em patrocínios. O governo federal investiu cerca de R\$ 80 milhões na infraestrutura para receber grupos de 59 países.

Em 2003, o recém-eleito presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi às montanhas de Davos desfazer os medos de que o Brasil daria um calote em seus investidores. Em 2007, o presidente retornou aos Alpes suíços para defender, entre outras coisas, a conclusão da rodada Doha, para a liberalização do comércio mundial. Neste ano,

Lula desistiu de Davos. Lá, estão 41 chefes de governo, sendo 11 representantes das 20 maiores nações do mundo. Lula preferiu encontrar os 100 mil ativistas de Belém. Lá, criticou os países ricos e organismos como o FMI e o Banco Mundial.

“Lula não quer ir a Davos ouvir as mesmas ideias que levaram o mundo à falência”, diz o empresário Oded Grajew, um dos criadores do Fórum e amigo do presidente. Em Belém, ouviram-se as ideias novas do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que busca o direito à reeleição eterna. E de seus colegas Rafael Correa, do Equador, que tentou aplicar um calote no Brasil; Fernando Lugo, do Paraguai, que quer um aumento no preço pago pela energia de Itaipu; e Evo Morales, da Bolívia, que tomou refinarias da Petrobras. “Não vejo razão alguma para Lula estar em Davos e muitas para ele estar no Fórum Social Mundial”, afirma o assessor especial da Presidência, Marco Aurélio Garcia.

Uma ideia interessante foi formulada por Candido Grybowski, diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Para ele, cada participante deveria doar o equivalente a um dia de trabalho por ano. O dinheiro arrecadado financiaria o evento. Mas essa é só mais uma das ideias exaustivamente discutidas no Fórum, e nunca implementadas no mundo real. Por enquanto, o Fórum vai de dinheiro público mesmo. ◆

À VONTADE

Lula, com colegas latino-americanos em Belém. Sobraram críticas aos ricos



Foto: André Penner/AP